



RASTROS DA MALDADE: Horror e alteridade cinema contemporâneo

BONE TOMAHAWK: Horror and alterity in contemporary cinema

Ícaro Yure Freire de Andrade

Doutorando em Sociologia pelo PPGS/UFPB. Mestre em Sociologia pelo PPGS/UFPB. Bacharel em Ciências Sociais pela UFPB.

E-mail:

icaroyuresocio@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar a relação entre experiência moral e cinema através da análise sociológica do filme “Rastro da maldade” – “Bone Tomahawk” - (2015). A narrativa do canibalismo numa sociedade tradicional apresenta dilemas e problemas que são típicos das sociedades capitalistas, como mostrados pelas teorias de Kracauer (1988), e Bauman (1998; 1999) assim como Adorno (2008). Portanto, tor-se relevante para este estudo, através da imagen do canibal no filme, o problema do reconhecimento da alteridade, bem como a importância do cinema de horror - e gêneros do tipo - para a pesquisa social.

Palavras-chave: Teoria Social; Cinema; Canibalismo; Moral; Alteridade

Abstract: This paper aims to approach the relation between moral experience and cinema through the sociological analysis of “Bone Tomahawk” (2015). The movie’s narrative of cannibalism in a traditional society presents dilemmas and problems that are typical of capitalist societies, such as shown by the theories of Krakauer (1988) and Bauman (1998;1999) as well as Adorno (2008). Therefore it becomes relevant to this study the problem of alterity and recognition through the image of the cannibal, as well as the importance, for the social research, of cultural objects in cinema, including the horror genres.

Keywords: Social Theory; Cinema; Cannibalism; Moral; Alterity

Introdução

Um dos grandes dilemas das sociedades modernas refere-se a tensão existente entre reconhecimento da alteridade e sua total negação. Pensadores das mais diversas áreas da teoria social debruçaram-se sobre tais problemas e expuseram os dilemas acerca dos valores modernos e a impossibilidade destes valores em tornarem-se universalizáveis.

Zygmunt Bauman a partir de uma análise sociológica sobre a experiência social moderna expõe como estes problemas referentes a concepção de uma base moral que adotasse as formas de alteridade enquanto formas socialmente reconhecidas continua sendo um dos grandes problemas das sociedades tardias. Apesar da globalização e da inevitabilidade do choque entre culturas diferentes, a relação entre nós e os outros ainda continua sendo mediada por um conjunto de referentes morais que guiam as ações dos grupos e indivíduos e a forma como os mesmos lidam com seus semelhantes e não semelhantes. (BAUMAN, 1998; 1999)

Assim como o sociólogo polonês, o filósofo alemão Theodor Adorno em sua teoria crítica da sociedade, tem como principal preocupação compreender os processos e dilemas próprios a experiência moral no capitalismo tardio. A partir de uma base normativa, o intelectual alemão tem como objetivo expor as bases sociais da construção do modelo moral adotado enquanto forma mediadora dos valores sociais comungados nos processos de interação social pelos indivíduos socializados no mundo tardio, ou seja, o autor traça uma genealogia dos valores morais da vida lesada (ADORNO, 2008).

Por mais que Adorno não se considerasse um sociólogo, é perceptível na construção de seu diagnóstico sobre a sociedade uma base sociológica muito forte. E é nessa base sociológica exposta por Adorno e da sociologia de Bauman, que o cinema aparecerá neste artigo enquanto objeto de análise.

O cinema enquanto produto cultural moderno, incorpora alguns destes sentidos morais nas obras produzidas pela indústria cinematográfica. Para o sociólogo alemão Siegfried Kracauer (1988) é possível perceber nos filmes a projeção e representação desses dilemas e tensões da experiência social contemporânea. A partir da recorrência cada vez maior de temas pictóricos e de formas narrativas nas obras tanto do grande cinema quando do cinema B servem como indícios que possibilitam a compreensão da própria realidade social.

Kracauer percebe o cinema não enquanto obra individual, mas enquanto um produto cultural coletivo. O sociólogo alemão estabelece uma conexão íntima entre obras cinematográficas

e valores sociais. Os filmes dentro dessa perspectiva sociológica são entendidos enquanto índices impressos do presente e só podem ser compreendidos enquanto objetos sociológicos quando relacionados com a realidade social mais ampla.

A partir da discussão exposta anteriormente, o que será feito neste artigo é uma análise do filme *“Rastro da Maldade”* (2015) e dos problemas expostos na narrativa a respeito da alteridade e moral, uma vez que a obra apresenta-se enquanto um *“western”* – um filme de *“bang bang”* mas possuindo também elementos do horror – dentro da forma comumente aplicada por tais películas, mas como filme produzido recentemente o traz em seu interior problemas da experiência social contemporânea. A indústria cultural (ADORNO & HORKHEIMER, 1985) após os desdobramentos tecnológicos se torna global, logo estes problemas expostos no filme produzido nos Estados Unidos da América torna-se um problema também global. Neste sentido, as análises sociológicas de Bauman (1998; 1999) e Adorno (2008) servirão como ferramentas analíticas para entender a relação entre os problemas apresentados em tais obras e sua relação com a experiência social mais ampla.

O filme apresenta sua narrativa da seguinte forma: uma pacata cidade do velho oeste americano tem a normatividade abalada após o sequestro da esposa de um grande fazendeiro por índios canibais. A partir daí os homens honrados e não tão honrados assim desta comunidade precisam unir forças para resgatar a esposa sequestrada, superando assim todos os problemas presentes neste agrupamento de indivíduos, a partir do reconhecimento de um inimigo comum: a ameaça externa incivilizada animalésca dos índios canibais e amorais.

Como se explica a recorrência do tema canibalismo na produção cinematográfica contemporânea, tendo em vista que essa construção acerca da antropofagia ameríndia foi desmentida pelas pesquisas mais recentes da antropologia social?

A partir deste questionamento pretendesse expor as funções dadas a imagem do canibalismo na trama e como o mesmo se apresenta enquanto forma de dar sentido a certos problemas enfrentados pelas sociedades tardias.

Sociologia e Experiência Moral

Zygmunt Bauman expôs de forma bastante clara os processos de construção da desqualificação moral de grupos e sujeitos. Como esse tipo de problema não limitasse como

acreditam alguns, a era pré-moderna, mas intensifica-se de forma mais reforçada nos desdobramentos da própria experiência moderna.

Em uma de suas obras mais importantes “*Modernidade e Holocausto*” (BAUMAN, 1998), o sociólogo polonês expõe de forma bastante clara todos os processos de desqualificação moral produzidos sobre os judeus no período da ascensão do Terceiro Reich.

Era necessário que aqueles indivíduos que fossem considerados alvo do projeto de extermínio não fossem enxergados enquanto humanos. Bauman apresenta todos os procedimentos tanto técnicos como conceituais que foram sendo pensados no transcorrer deste grande acontecimento histórico.

Mas centralizaremos na relação entre ordem e negação da diferença, problema que não se resolve como prometido pelos valores modernos, mas intensifica-se. Bauman afirma que:

Para a maioria dos integrantes da sociedade, o advento da modernidade significou a destruição da ordem e da segurança e mais uma vez os judeus eram encarados como situados perto do centro do processo destruidor. A rápida e incompreensível ascensão e transformação social dos judeus parecia resumir a devastação produzida pela promoção da modernidade a tudo que era habitual, familiar e seguro. (1998, p. 66)

Os judeus encarnavam toda a indeterminação, e por isso eram considerados aberrações e elementos anômicos. Logo era necessário que os mesmos fossem extirpados do mundo social, trazendo desta forma o sentido de ordem – que nunca existiu. Essa forma de interação com o diferente aparece como desdobramento dos processos sociais e históricas da experiência moderna.

Neste ponto, Theodor Adorno tem muitas afinidades teóricas com Zygmunt Bauman. Para o filósofo alemão o holocausto só foi possível a partir do advento tanto dos valores modernos como das formas modernas de dominação (1985; 2008). A cultura, para Adorno, passa a ser o meio pelo qual a dominação é expressa e legitimada. Analisando obras culturais produzidas em seu tempo, o filósofo alemão coloca que:

A indignação por horrores cometidos diminui na medida mesma em que as vítimas são diferentes do leitor normal, mais morenas, mais “sujas”. Isso não diz menos sobre o próprio horror do que sobre os observadores. Talvez o esquematismo social da percepção dos anti-semitas seja constituído de tal forma que eles nem sequer vejam os judeus como seres humanos. A afirmação sempre contraditória de que selvagens, negros, japoneses sejam como animais, macacos talvez, já contém a chave para o *progom*. (ADORNO, 2008, p. 100-101)

Tanto Bauman quanto Adorno reconhecem que para existir uma justificativa para as barbáries cometidas contra o povo judeu, foi necessário que se construíssem imagens que desumanizassem os judeus e os apresentasse enquanto seres não pertencentes a comunidade moral

do bloco ocidental. Ambos reconhecem a excepcionalidade do caso judeu, mas os autores também denunciam que os problemas vivenciados neste período histórico não foram extirpados da realidade social presente, uma vez que os valores comungados continuam sendo os mesmos. Adorno é bem mais enfático que Bauman nesse alarme, pois o mesmo afirma que as condições objetivas da legitimação do fascismo continuam a existir e que o espectro desse período histórico continua sendo uma possibilidade presente muito palpável.

Por mais que os dois autores estejam situados em momentos históricos diferentes, eles têm em comum a preocupação em associar a experiência moral com a experiência social mais ampla. Ambos têm como objetivo entender a relação entre a negação sistêmica da alteridade e as formas encontradas para isto, assim como os valores produzidos e assumidos para legitimar esse tipo de ação. É a partir desse repertório conceitual tanto de Theodor Adorno quanto de Zygmunt Bauman a respeito da importância para se entender a modernidade a partir da experiência moral, que será utilizado como base conceitual de análise das relações sociais representadas no filme analisado no decorrer deste artigo.

A partir do problema exposto anteriormente o que pretende-se aqui é entender a imagem do canibal como um discurso de desqualificação moral e que a recorrência desse elemento nas produções cinematográficas contemporâneas só reafirma a continuidade e em alguns momentos a intensificação do problema referente a relação com a diferença.

Entre canibais e bárbaros

Em *“Rastro da Maldade”* (2015) existem dois tipos de índios: os índios canibais e os índios “civilizados”. Os índios reconhecidos enquanto membros da comunidade incorporam tanto os valores como os costumes dos homens brancos. Das vestimentas ao dialeto falado eles se portam enquanto sujeitos assimilados pelas normas e regras daquela cidadela. Mas é nítido o lugar que é ocupado por esse personagem: um lugar de subserviência, ele é reconhecido como ente incorporado pela sua utilidade enquanto subalterno e não na proporção de ente moral em uma relação simétrica.

Estes índios “civilizados” exercem uma outra função na trama: eles conhecem a tribo de índios canibais. Segundo a própria descrição feita por um dos índios civilizados sobre os sequestradores, esta tribo não é considerada de humanos, mas composta por demônios. Além da imoralidade do ato de se alimentar indiscriminadamente da carne de outros humanos, estes

“demônios” – segundo o próprio índio informante – traz uma outra transgressão normativa: eles estupram suas mães e depois as comem.

Já é perceptível a partir dessa descrição a construção de uma economia dos valores acerca dos personagens que se apresentam na trama. Além do que sua selvageria atesta um caráter de degenerescência moral, pois estes demônios não se satisfazem apenas com o ato de come carne humana – que em si mesmo já configura-se enquanto transgressão de um tabu social basilar-, mas com uma série de outras violências e rituais que podem ser considerados atos de tortura para com seus algozes.

Posteriormente os antagonistas da trama são apresentados pela narrativa. São enormes, não possuem vestes, são mais escuros que os índios que aparecem anteriormente, andam de forma que lembram animais na natureza. A agressividade já está presente na maneira como estes personagens se movimentam, como eles andam. Mesmo quando atingidos por tiros ou agredidos, os índios “incivilizados” agem como se não sentissem dor, apresentando-se como alheios a algum traço de sensibilidade humana. Nem são dotados de qualquer dimensão afetiva e emocional, dando a entender que são movidos somente pelos instintos de sobrevivência, assim como os animais selvagens.

Mas talvez o que seja ainda mais sintomático nestes personagens refere-se a fala. Diferente de outras narrativas em que os índios são retratados como selvagens, em *“Rastros da Maldade”* (2015) estes selvagens não falam nenhum dialeto que lembre uma língua humana. Quando nascem tem suas cordas vocais cortadas e posteriormente são inseridos em suas gargantas um instrumento que possibilita que os mesmos emitam ruídos que são barulhentos e que somente os entes pertencentes a sua comunidade conseguem compreender.

O que dá a entender que a rejeição da humanidade é arbitrária e os próprios selvagens rejeitam serem reconhecidos enquanto portadores de qualquer qualidade ou característica que os façam ser associados com outros índios ou até mesmo com os brancos no transcorrer da história.

Como apresentados por Bauman e Adorno, não basta apenas que os personagens apresentados nestas tramas sejam apresentados como mais violentos, mais sujos, incivilizados é necessário que os associe com adjetivos e qualidades referentes a imoralidade. Neste sentido os índios canibais são apresentados como seres impossíveis, dada as circunstâncias, de serem reconhecidos enquanto humanos em potencial.

Eles assumem o papel do mal a ser expurgado na trama. Reafirmando assim o problema que nasce com a própria modernidade e que com o seu desdobramento se intensifica. Nesta perspectiva,

o Outro passa a ser qualificado como “(...), o mal, como Nietzsche nos ensinou, continua a caracterizar o que quer que seja radicalmente diferente de mim, ou o que quer que, justamente por ser diferente, pareça constituir uma ameaça real é premente à minha existência. (JAMESON, 1992, p. 115)

As formas como os vilões da trama são apresentados já traz consigo uma justificativa moral para as ações efetuadas pelos personagens que partem na jornada em busca da integração e do resgate dos entes sequestrados. Os outros coadjuvantes da trama, o xerife, o vigarista, o fazendeiro, o ajudante, todos eles agem anteriormente a esse sequestro por visões próprias de valor e também trazem consigo vários problemas de ação moral – alguns são ladrões e assassinos, outros vigaristas – mas a partir do momento em que a ameaça externa ao mundo que eles conhecem aparece é necessário que se pense em uma integração, mesmo que circunstancial, visando a manutenção da ordem e dos pequenos problemas próprios a ela, da comunidade em que vivem.

Antes eles do que nós

Por mais que o filme analisado seja uma ficção é inevitável que o mesmo seja desassociado da própria realidade social. Uma vez que como aponta a sociologia do cinema proposta pelo sociólogo alemão S. Kracauer (1988), o conteúdo interno tanto quanto a forma como esse conteúdo é exposto nestes filmes está fundamentado na sociedade das quais estas obras emergiram.

Apesar da análise aqui proposta basear-se em um único filme, o tema do canibal enquanto ameaça a ordem social estabelecida, vem sendo um assunto recorrente na produção cinematográfica contemporânea. Como exemplo disso temos “*Os canibais*” (2013) – “*Green Inferno*” – dirigido por Eli Roth.

Entender os sentidos dado a figura do canibalismo em “*Rastro da Maldade*” (2015) torna-se possível quando contextualizado dentro dos últimos acontecimentos ocorridos na sociedade. Se entendemos os índios canibais, os demônios como os próprios personagens os classificam, não enquanto a ameaça de um levante indígena contra os colonizadores em um rompante de vingança, mas sim como uma das caracterizações do medo em que o mundo moderno vem demonstrando a

qualquer elemento exterior que traga tensão ou contradição para o modelo de ordem social ali defendido.

Não é um problema localizado apenas a sociedade americana. Basta pensarmos em relatos das mais diversas partes do mundo à respeito das invasões exteriores. As iniciativas tomadas pelo parlamento europeu para tentar barrar a entrada de imigrantes em suas fronteiras e a reação da sociedade civil quanto a isso¹. A eleição do presidente americano utilizando-se de uma plataforma política baseada em xenofobia e com um racismo – para alguns – bem nivelado, mas sempre presente². O caso brasileiro e o rompante do conservadorismo e seus ataques. A volta da extrema direita ao parlamento alemão depois de mais de seis décadas desde a última vez em 1945³. Os ataques recentes da sociedade civil brasileira a qualquer forma de expressão que represente a diferença radical⁴.

Todos esses acontecimentos recentes ligam-se a inaptidão dos valores produzidos socialmente em lidar com qualquer forma de diferença. Lembrando que tanto o desejo quanto as ansiedades sociais são o que alimentam a produção do imaginário social cinematográfico. Principalmente se levarmos em conta não apenas a ambientação do filme aqui analisado, mas a maneira como os fatos vão sendo apresentados. Os índios canibais são evocados na trama somente enquanto “o medo”. Passam a possuir um status de onipresença durante grande parte da trama, até reaparecem para o ato final.

A mensagem em evidencia neste filme é que a importância da necessidade dos problemas do mundo dos iguais, o “nosso mundo”, supere as suas diferenças e se unam contra o inimigo comum que são os outros, “eles”. O filme ganha sentido ainda mais conservador, quando ambienta a sua narrativa em um período passado dotado de certo sentido nostálgico. Aquele mundo possuía mais sentido que este mundo, pois as formas de resolver os problemas eram muito mais simples.

Considerações finais

¹ Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/world/20160707STO36236/a-crise-da-migracao-e-dos-refugiados-as-iniciativas-do-parlamento-europeu>

² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/13/internacional/1502645550_679199.html

³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/24/internacional/1506276160_113753.html

⁴ Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/09/conservadores-atacam-mam-com-tese-de-que-artistas-corrompem-criancas>

O presente trabalho não tem como intuito simplificar as formas de compreensão dos processos sociais. Mas demonstrar a relação entre produção cultural e valores sociais. Os filmes não são reflexos diretos da sociedade, mas exprimem tensões e dilemas que emergem a partir das relações sociais, isto é, são representações que só tornam-se possíveis a partir da realidade histórica e dos processos sociais advindos dali. A indústria cultural aqui precisa ser entendida não apenas como o lugar onde a cultura torna-se mercadoria, mas também como o lugar onde “ (...) são reproduzidos valores, normas, sentimentos, injunções sobre a personalidade, padrões de comportamento. ” (CAMARGO, 2006, p. 48)

Defendemos que a persistência do tema do canibalismo na produção cultural recente – e mais especificamente no cinema – está relacionada a um problema de ordem moral que não foi esgotado com o advento das sociedades tardias, mas sim intensificado.

Além do mais foi pretendido aqui expor a atualidade dos problemas levantados por pensadores como Bauman (1998;1999) e Adorno (2008), dado que os momentos denunciados pelos mesmos não foram superados, mas apenas sublimados. Assim como apresentar as contribuições de S. Kracauer (1988; 2009) para a pesquisa social que tome o cinema enquanto seu objeto de análise.

Como dito por Sigfried Kracauer:

O lugar que uma época ocupa no processo histórico pode ser determinado de modo muito mais pertinente a partir da análise de suas discretas manifestações de superfície do que dos juízos da época sobre si mesma. Estes, enquanto expressão de tendências do tempo, não representam um testemunho conclusivo para a constituição conjunta da época. Aquelas, em razão de sua natureza inconsciente, garantem um acesso imediato ao conteúdo fundamental do existente. Inversamente, ao seu conhecimento está ligada sua interpretação. O conteúdo fundamental de uma época e os seus impulsos desprezados se iluminam reciprocamente. (P. 91, 2009)

O cinema passa mais do que nunca a ser um importante meio de estudo para entender a experiência social moderna. Tanto pelo lugar de quase instituição social adquirida com o seu desenvolvimento pós-segunda guerra, assim como por ser um produto cultural nascida na e a partir do desenvolvimento da modernidade.

A produção cultural continua sendo um importante objeto de análise para se entender os processos sociais tardios. Principalmente em contextos contemporâneos em que a própria indústria cultural ganhou proporções jamais imaginadas.

FICHA TÉCNICA

Rastro da maldade (Bone Tomahawk). EUA, 2015. 132 min. Dirigido por S. Craig Zahler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor; Horkheimer, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. *Minima moralia: reflexões a partir de uma vida lesada*. São Paulo: Ática, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro : Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CAMARGO, Sílvio. *Modernidade e Dominação: Theodor Adorno e a teoria social contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2006.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.

KRACAUER, Siegfried. *De Caligari à Hitler: história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

KRACAUER, Siegfried. *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LESTRIGANT, Frank. *O canibal: grandeza e decadência*. Brasília: UNB, 1997.

Recebido em: 10 de fevereiro de 2017
Aprovado em: 30 de janeiro de 2018